

**MARXISMO E EXISTENCIALISMO: O HUMANISMO SARTREANO.** Vera Helena Pícolo Ceccarello, Maria Orlanda Pinassi. - Ciências Sociais - Departamento de Sociologia - Faculdade de Ciências e Letras - Campus Araraquara

Neste trabalho pretendo estudar a relação que o filósofo francês Jean Paul Sartre estabelece entre o marxismo e a filosofia existencialista. Tendo em vista algumas leituras realizadas até aqui, observa-se que Sartre acreditava que o marxismo era a filosofia do nosso tempo, já que as condições materiais que engendram o capitalismo ainda não tinham sido superadas.

Desde os anos de 1950 o caráter humanista do marxismo havia desaparecido, servindo apenas como ferramenta política da União Soviética de Stalin, cujo caráter instrumental negava a importância da dimensão subjetiva dos homens. Por isso, Sartre achava necessário trazer o homem - enquanto indivíduo portador de rica subjetividade - para o centro das discussões novamente. E para entender o homem enquanto indivíduo ativo e subjetivo ele recorreu ao existencialismo alemão.

O motivo pelo qual Sartre inclinou-se para a filosofia existencialista - também conhecida como filosofia da vida -, muito provavelmente ocorreu por tratar-se de uma corrente que reconhece o caráter ontológico do homem ainda que de modo essencialmente idealista. Entretanto, essa concepção metafísica da ontologia contrapunha-se à ontologia prática de Marx, que surgiu buscando não somente entender como, e principalmente, superar os mecanismos de dominação e alienação do homem - o trabalho fetichizado - no sistema capitalista, propondo assim uma forma de concepção do homem e de sua subjetividade de maneira mais humana.

O existencialismo, por sua vez, surge no auge do imperialismo, fase de consolidação e afirmação da burguesia enquanto classe detentora do poder econômico e político, e o momento era bastante propício à proliferação de filosofias com forte teor idealista, porque na medida em que ocupavam-se dos problemas filosóficos nunca remetiam aos problemas de ordem material. Essas filosofias acabaram por aprofundar ainda mais a separação entre a realidade e a teoria além de fugirem ao conceito clássico de filosofia que preza pela reflexão, pela crítica e pelo conceito acerca do real, procedimentos que seriam gradualmente combatidos pela lógica racional do capitalismo. Segundo Lukács, o existencialismo refletiu essa contradição fundamental da filosofia com a concreta manifestação da história:

“Em definitivo, é tão grande o abismo entre a realidade e o pensamento, que só reflete suas manifestações superficiais, que toda transformação na evolução social se apresenta para o pensamento sob o aspecto de uma ruptura inesperada e apenas pode provocar uma série contínua de crises.”  
(LUKÁCS, 1979, p. 30)

Essa é uma pequena amostra da crítica que Lukács faz a Sartre pela sua tentativa de aglutinar num só pensamento duas teorias tão diferentes, histórica e conceitualmente entre si. Se os conceitos intrínsecos a elas são contraditórios, não há como, a partir do marxismo e do existencialismo, conceber uma filosofia totalizante, como pretendia Sartre.

Acompanhando o desenvolvimento da obra sartreana, se percebe que já nos primeiros escritos o filósofo sofria uma forte influência da filosofia existencialista, buscando desde ali compreender os fundamentos do indivíduo. Porém, no pós-guerra seu pensamento, numa perspectiva de continuidade, vai se alterar no sentido de buscar fundamentos sob uma outra ótica, mais concreta, mais real:

“Muita coisa se altera significativamente no curso do desenvolvimento posterior de Sartre. Os anos da guerra despedaçam os muros que seu vácuo social erguera e o problema do engajamento (...) passa a ocupar o lugar central em seus escritos nos mais variados contextos”  
(MESZÁROS, 1979, p. 167)

Desde então a maior preocupação de Sartre era, através do existencialismo, trazer o homem para o centro da filosofia marxista, ou seja, trazer para o mundo real o homem enquanto ser ativo e histórico na sociedade. Para o filósofo, a consciência só se dá através da participação ativa dos indivíduos, consolidando a premissa de que o homem é sujeito ativo da História. O homem, esse ser material que se realiza no seu trabalho, tem a particularidade de superar sua situação através da ação, ou seja, um projeto de negação que se estrutura sobre a práxis. E é nesse sentido que Sartre considera que a liberdade só pode existir na ação prática dos indivíduos em sociedade, ou seja, através do seu engajamento consigo mesmo, com a sua sociedade e com os demais indivíduos.

O humanismo existencialista coloca o homem como seu próprio fim, ou seja, o homem está no centro da ação, num movimento de projeção e superação que culmina com a transcendência da situação histórica em que se vive. Isso se contrapõe ao conceito de má-fé formulado por Sartre, que é justamente a negação da liberdade do homem através da adoção de qualquer forma de determinismo que justifique sua existência ou que ameace o projeto humano de ultrapassar a realidade dada através da práxis.

Marx considera que a sociabilidade livre e humana só pode advir de uma sociedade que propicie o desenvolvimento da liberdade e da subjetividade, e o sistema capitalista impede essa objetivação a partir do momento em que aliena o homem de seu trabalho, da sua relação com a natureza, dos outros homens e de si mesmo, tratando o ser humano enquanto ser passivo e subordinado ao capital. A sociedade sem liberdade substantiva gera, portanto, um estranhamento do homem com suas atividades vitais, como o trabalho e a vida em sociedade.

A superação dessa situação só é possível através da objetivação humana através do trabalho e da ação, num projeto humano, negando a sua situação e a realidade dada, manifestando a liberdade inerente ao homem, num processo de transcendência e superação. O projeto humano é essencial para que se entenda que a compreensão fundamental da realidade humana é dada em toda práxis individual ou coletiva, não se tratando de um individualismo puro e simples:

“Compreender-se, compreender o outro, existir, agir: um só e mesmo movimento, que funda o conhecimento direto e conceitual sobre o conhecimento indireto e compreensivo, mas sem nunca deixar o concreto, isto é, a história.” (SARTRE, 1984, p. 188)

O homem se difere dos demais animais da natureza por ser um indivíduo histórico, definido pela sua práxis, criando um processo definido por Sartre de interiorização da exterioridade e exteriorização da subjetividade. Essa compreensão e afirmação do homem é a existência imediata do homem, sendo o seu fundamento humano e histórico. Sartre considera o marxismo como a única antropologia possível, pois toma o homem na sua totalidade, a partir da materialidade de sua condição. Porém, nos diz que “o marxismo degenerará numa antropologia inumana se não reintegrar em si o homem mesmo como seu fundamento”<sup>1</sup>. Por isso, considera que se o marxismo retomar essa perspectiva humana, o existencialismo será superado e conservado pelo movimento totalizante da própria filosofia.

A tentativa de Sartre em atualizar o marxismo na época em que viveu foi muito importante, pois contribuiu, à sua maneira, para que a teoria marxista não perdesse seu caráter subjetivo e ontológico. Trazer o humanismo de volta para o cerne da teoria marxista, ainda que sob a dimensão existencial, se foi necessário naquele determinado contexto, é ainda mais pertinente nos dias de hoje.

---

<sup>1</sup> SARTRE, 1984, p. 190

## BIBLIOGRAFIA

ARON, Raymond. *De uma sagrada família a outra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

BORNHEIM, Gerd. *Sartre*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

LUKÁCS, Georg. *Existencialismo ou marxismo*. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004.

MÉSZÁROS, István. *A obra de Sartre: busca da liberdade*. São Paulo: Ensaio, 1991.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo; A imaginação; Questão de método*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores).

SARTRE, Jean-Paul. *Sartre no Brasil: a conferência de Araraquara*. São Paulo: UNESP, 2005.

SILVA, Franklin Leopoldo. *Ética e liberdade em Sartre*. São Paulo: UNESP, 2004.

TROGO, Sebastião. O marxismo em Sartre. *Ensaio*. São Paulo, v. 15, p. 165-171, 1986.